

# Vá em frente, #MeToo!, por Soledad Gallego-Díaz

*O importante é que os crimes de estupro e abuso ficam impunes em boa parte do mundo*

[\(El País, 19/02/2018 - acesse no site de origem\)](#)

Seria uma excelente notícia se o movimento de reivindicação feminista [#MeToo](#) continuasse de pé até a mudança de comportamentos muito difundidos entre a população masculina, que são um abuso contra o princípio democrático da [igualdade](#). E seria muito bom que os homens entendessem isso sem se escandalizarem tanto. O *MeToo* é um grande avanço democrático, não uma ameaça aos direitos civis. Por que tanta indignação? Alguns excessos podem acontecer? Certamente. Isso é bom? Não. Vamos tentar, juntos, evitá-los. Isso tira o valor do movimento de denúncia de comportamentos abusivos, mantidos em silêncio ou considerados inevitáveis? Absolutamente. Se o movimento *MeToo* conseguir acabar com esses comportamentos, teremos avançado na luta pelos [direitos humanos](#) e a igualdade.

O sensacionalismo consiste em distorcer a realidade, colocando a ênfase não no que é importante, mas em aspectos secundários que podem despertar mais emoções. O importante é que os crimes de [estupro](#) e [abuso sexual](#), que a maioria dos homens e mulheres considera repugnantes, ficam, no entanto, impunes em grande parte do mundo, seja porque não são denunciados ou porque o sistema jurídico não lhes dá a devida atenção. O importante é que os sistemas jurídicos, mesmo em países avançados democraticamente, não prestam atenção suficiente ao [assédio sexual](#). Um homem que se masturba na frente de uma funcionária ou aluna, caso seja denunciado e provado, é punido na Espanha com uma multa de 400 euros (cerca de 1.606 reais) se o comportamento for “reiterado”. Um estudo das [Nações Unidas](#) feito com mulheres parlamentares de 39 países indica que 82% delas se sentiram assediadas sexualmente ao longo de suas carreiras. Uma em cada quatro mulheres que usam o transporte público em Washington sofre algum tipo de

assédio sexual.

Portanto, o fato de que esses casos sejam denunciados e originem uma investigação policial obrigatória seria uma excelente prática democrática que deveria ser universalizada. Nenhum homem foi para a prisão exclusivamente por causa da acusação de uma mulher. São os juízes ou os jurados que mandam os criminosos para a prisão. O medo de que a denúncia de abusos sexuais acabe com a carreira de dezenas, centenas, milhares de homens talentosos e talvez apenas um pouco brutos, vítimas de mulheres ressentidas, é absurdo. Para começar, não há confusão alguma entre abusos e homens pouco sensíveis. Existe também em todo o mundo o crime de falsa denúncia, que na [Espanha](#) é punido com até dois anos de prisão. Finalmente, não é coincidência que a grande maioria dos homens denunciados pelo *MeToo* tenha reconhecido que teve esses comportamentos abusivos. Uma coisa é que estejam prescritos legalmente e outra que se pretenda que não provoquem rejeição social. Com que argumentos?

A exigência de favores sexuais em troca de manter o emprego, ajudar ou não paralisar a carreira profissional, recorrente no mundo do entretenimento, mas também no das empregadas domésticas, como lembrou a escritora [Beatriz Sarlo](#), no escritório ou na universidade, não é, de modo algum, uma forma de [prostituição](#), mas uma coação, que é uma grave violação do princípio democrático da igualdade. Não há violência, alega-se, e as mulheres podem dizer “não”. Acontece que, nesse caso, sacrificam suas carreiras, suas expectativas, sua vocação. Se não fizerem esse sacrifício são simplesmente um pouco putas? Isso é certamente o que muitos homens e até algumas mulheres pensam há séculos. Ousar dizer em uma democracia o que a maioria das pessoas pensa, mas cala, não é um ato de coragem (depende do que essa maioria pensa, não?) nem de exigência diante dos lugares-comuns, mas, precisamente, dar-lhe suporte.